

## Sobre arrogância\*

Dentre todos os trabalhos de Bion sobre a parte psicótica, talvez este seja o mais **original**. O título destaca a abordagem de um fenômeno que ainda não tinha sido investigado pela psicanálise, sequer mencionado da forma como Bion o desenvolve. Na realidade trata-se de investigar uma das atitudes mais abrangentes e freqüentes das organizações humanas: o estado mental arrogante. Basta uma rápida visão pelo universo social para verificarmos a arrogância em funcionamento nas corporações policiais e militares, nas organizações de criminosos, na atitude pomposa de magistrados e outras autoridades, enfim, em qualquer indivíduo que possa por qualquer razão exercer algum tipo de poder em algum momento.

Partindo da observação clínica, Bion destaca uma articulação entre três elementos: *arrogância, estupidez e curiosidade*. Diante desta "organização"<sup>46</sup> deve

\* escrito em colaboração com Júlio César Conte.

<sup>46</sup> Os fenômenos clínicos das organizações patológicas tem sido relatados há muitos anos – por Freud, em suas discussões sobre a reação terapêutica negativa (1916,1923,1924,1932); por Abraham (1919), sobre a defesa narcísica; e por Joan Rivière(1936) em seu exame da reação terapêutica negativa como defesa contra a tarefa, sentida como impossível, de reparar os objetos danificados. Bion é um dos primeiros do grupo pós-freudiano a abordar o processo de origem de uma organização desta espécie. Mais tarde o modelo do -K descreve um quadro resultante da falha da função-alfa, que leva o indivíduo a combater todas as idéias novas, mergulhando num mundo sem esperança. O -K provém de um fator específico: a **inveja**. Steiner (1987),

ser levantada a hipótese de que um "desastre mental" ativo está presente. Cabe especificar o que significam estes termos, pois Bion não o faz extensivamente:

- 1) **arrogância** – na personalidade onde predominam os impulsos destrutivos (pulsão de morte), o orgulho (narcisismo) se transforma em arrogância; enquanto que na personalidade onde predominam as pulsões de vida o orgulho se transforma em auto-estima.
- 2) **estupidez** – é conseqüente à arrogância. Deve ser tomada no sentido da palavra em inglês (*stupidity*), que dá a idéia de uma ação que mistura grosseria e burrice. É movida pela crueldade do superego e, é um veículo da identificação projetiva. As atitudes estúpidas visam a paralisar e controlar o objeto para a qual são dirigidas.
- 3) **curiosidade** – é o traço mais visado pela arrogância; deve ser tomado não no sentido comum, mas no sentido de uma necessidade vivenciada como mórbida pela parte psicótica da personalidade. A curiosidade é voltada para o mal, sendo empregada para livrar-se dos maus objetos através da identificação projetiva. Nunca é usada para ampliar o Saber. Basta acompanhar a atitude de policiais que ficam sexualmente excitados pela visão de algum crime ou tragédia, ou a conhecida e popular curiosidade do cidadão que detém seu caminho para admirar uma tragédia, mas é incapaz de fazer o mesmo para algum espetáculo artístico ou dádiva da natureza. É também aquela curiosidade voyeurística de indivíduos que exercem atividades, tais como padres no confessionário ou funcionários de estatística, que ficam solicitando mais informações do que o interlocutor deseja ou necessita exibir. Mas, de uma forma geral, isto pode ocorrer com qualquer profissão.
- 4) "**desastre mental**" – é o funcionamento psicótico da personalidade, resultado da falência do que Bion descreverá mais tarde como reverie e, em sua ampliação que é a função-alfa.

A articulação arrogância, estupidez, curiosidade, já anuncia de certa forma a idéia do triângulo K,L,H, negativo. O -K pode ser visto como arrogância pois produz o farisianismo (Meltzer, 1992), o -L como a curiosidade mórbida pois produz o puritanismo (ibid.) e, o -H como estupidez pois produz a hipocri-

clarificou algumas idéias de Bion, descrevendo uma organização patológica como um conjunto de defesas operando numa espécie de pseudo-maturidade para disfarçar a instabilidade, isto é, disfarçando-se como posição depressiva para iludir a dor depressiva.

sia (ibid.). A idéia do triângulo que descreve a experiência emocional permite entender melhor porque Bion dedicou-se neste artigo a uma análise do mito de Édipo privilegiando a questão do Saber: não é o crime sexual que é punido, mas o desejo de Édipo de descobrir a verdade a qualquer preço que é tomado como arrogância. Diversos personagens repetem na trama do mito este conflito: o oráculo que possui um Saber e despreza o desejo de Édipo de buscá-lo, Tiresias que possui o Saber mas desdenha a iniciativa do Rei de encontrá-lo e, a esfinge que suicida uma vez decifrado o enigma que propõe a todos. Finalmente, o próprio Édipo que se cega com o broche de Jocasta quando descobre a verdade de sua história.

A trama sexual é apenas um dos dramas periféricos de uma verdadeira tragédia central: a questão do desejo de descobrir a verdade, que implica numa questão ética abrangente, extensiva a todo tipo de investigação científica.

Se a psicanálise instala-se no movimento de uma ética trágica, que é a descoberta da verdade, não é ela uma tarefa insustentável por ter que pensar o desenrolar vertiginoso de uma situação indomável?

→ Nenhuma situação é plenamente analisável. Somente a arrogância pode nos levar a pensar que podemos ocupar plenamente de um material. Diante disto o analista deve estar em condições de reconhecer que fornece apenas o começo, o início de uma investigação, sendo otimista.

Uma grande parte do trabalho da análise, sem dúvida a mais importante, não é explicitada e nem explicitável. A psiquê é um mistério, um labirinto, do qual se observam algumas entradas e algumas saídas. Mais saídas do que entradas. Poder-se-ia dispensar para a prática, o conhecimento dos “mecanismos internos”, se as ligações regulares existissem entre entradas e saídas da psiquê. Ora, a idéia em si de tais ligações regulares é duplamente absurda. Do ponto de vista epistemológico, entradas e saídas não são nunca idênticas, nem entre sujeitos, nem para o mesmo sujeito, e nunca são observáveis como coisas iguais. Do ponto de vista da mente inconsciente, coincidente com uma coisa-em-si que é incognoscível, a psiquê é imaginação radical e, como tal essencialmente indeterminação. Indeterminação não quer dizer caos, desconhecível absoluto, singularidade inefável. O “universal” pode estar presente sob múltiplas formas, o que é suscetível de ser conhecido também, quase tudo pode ser dito. Mas o novo, a criação, a auto-transformação sempre irrompem na mente. E, com todas estas questões emergindo qual sistema Bion poderia se utilizar para começar a dar conta da ética trágica? A resposta não foi difícil. Sua formação ampla

em Filosofia permitiu vislumbrar aqui uma Teoria do Pensar. Este é o caminho seguinte.

A função da teoria, para a maioria dos analistas da época, era de torná-los surdos a esse novo, a essa emergência, à singularidade do sujeito. As hipóteses teóricas indispensáveis – sem o que o analista nada poderia pensar – sobre os mecanismos internos tais como repressão de um lado e identificação projetiva de outro, postulados do mistério cristalizam-se com frequência em sistemas teóricos que se preservam, desta forma, da angústia de ter que pensar a alteridade. Bion quer sair deste impasse que se encontrava a psicanálise. Deste modo, seu caminho toma o rumo da Teoria do Pensar, pois só o pensamento é algo que se cria a todo momento no ser humano. Criar é a única saída.

O trabalho de Bion abre caminho para que possamos entender, no campo da psicanálise, como ocorre o confronto entre duas éticas: a ética trágica, na busca incessante por uma verdade que não pode ser alcançada e, a ética do poder, na qual toda busca da verdade é vista como arrogância e desafio ao Establishment. A estratégia desta última é sempre a mesma, quem questiona a verdade estabelecida é porque deseja destruir o institucionalizado. Na realidade, podemos antever esta teoria de confronto quando Bion menciona os destinos das pulsões de vida e morte em função de sua predominância na personalidade. Afinal, aprender a manter juntos o casal vida-morte não é o que chamamos de ética e, a forma de mantê-los aquilo que determina a forma da ética?

destinos das  
pulsões de vida e  
morte em função de  
sua predominância  
na personalidade

busca da  
verdade

↳ vista como  
arrogância  
e desafio ao  
Establishment.

ARNALDO CHUSTER

CARMEN SILVA MURATORE, CRISTIANE DECKER, JÚLIO CÉSAR CONTE, JULIO WALZ,  
LORIVAL RODRIGUES, MAGDA BARBIERI WALZ, OMEROS COSTA, SUSANA BECK



**W.R. BION**  
**NOVAS LEITURAS**

Dos modelos científicos aos  
princípios ético-estéticos

VOL. I

PARTE TEÓRICA

*Companhia*  
*de Freud*  
editora

Copyright © by EDITORA CAMPO MATEMÁTICO

Proibida a reprodução total ou parcial

Editoração Eletrônica  
FA - Editoração Eletrônica

Revisão  
Marcus Moura  
Silvia Maria Pereira

---

FICHA CATALOGRÁFICA

---

N936

Novas leituras : dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos, vol. I : parte teórica / W. R. Bion... [et al.]. — Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1999.

260 p. ; 23 cm.

ISBN 85-85717-35-1

Inclui bibliografia.

1. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979. 2. Psicanálise.

CDD-150.195

---

*Companhia  
de Freud*  
editora

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA  
Rua Visconde de Pirajá, 547 - Sala 702  
Cep 22415-900 - Ipanema - Rio de Janeiro  
Tel.: (021) 540-7954 - Telefax: (021) 250-9490  
email: [terceroforum.com.br](mailto:terceroforum.com.br)